

A INDUMENTÁRIA ESCRAVA COMO FATOR DE DISTINÇÃO SOCIAL NO PERÍODO COLONIAL BRASILEIRO

Slave's Clothing as a Factor of Social Distinction in Brazilian Colonial Period

Sena, Malu Martins; Graduanda; Universidade Federal do Ceará,
malums012@hotmail.com¹

Mendes; Francisca Raimunda Nogueira
Doutora; Universidade Federal do Ceará, franciscarmendes@gmail.com²

Resumo: O presente artigo objetiva entender se e de que forma os senhores de escravos utilizavam seus servos como ferramenta para demonstrar sua riqueza e se diferenciar socialmente. Para isso, foram usadas as pesquisas bibliográfica e documental, sendo esta última nas obras *Negras Escravas de Diferentes Nações* e *Negra Tatuada Vendendo Caju*, ambas de Jean Baptiste Debret.

Palavras chave: Indumentária Escrava; Distinção Social; Debret.

Abstract: This article aims to understand if and how the slaveholders used their slaves as a tool to demonstrate their richness and also to improve their social distinction. For this purpose, bibliographic and documental research were elaborated.

Keywords: Slave's Clothing; Social Distinction; Debret.

Introdução

O presente artigo é resultado do Trabalho de Conclusão de Curso em Design-Moda na Universidade Federal do Ceará (UFC), o qual discorre sobre a utilização da indumentária dos negros como mecanismo de demonstração de prestígio e distinção social no período colonial brasileiro. Objetiva-se compreender se e de que forma os senhores de escravos utilizavam seus servos como ferramenta para demonstrar sua riqueza e se diferenciar socialmente. Como objetivos específicos, a autora busca entender como as roupas dos escravos poderiam diferenciar suas funções dentro da fazenda e investigar de que forma a sociedade colonial percebia a roupa dos escravos no que se refere à situação financeira de seu dono.

Para que os objetivos citados fossem atingidos, esta pesquisa possui caráter qualitativo, já que as informações foram interpretadas de maneira

¹ Graduanda do curso de Design-Moda da Universidade Federal do Ceará

² Historiadora, com mestrado e doutorado em Sociologia. Professora da área de História e Pesquisa do Curso de Design de Moda da Universidade Federal do Ceará

subjetiva, atentando para a opinião e o comportamento dos sujeitos. Além de um levantamento bibliográfico, pautado em autoras como Del Priore (2016), Scarano (1999), Schwarcz (1996) e Costa (1997), este trabalho conta com uma pesquisa documental em pinturas e ilustrações pertencentes ao acervo de Jean Baptiste Debret.

Condição Escrava no Brasil Colônia e Missão Artística Francesa

Provenientes, em sua maioria, da costa ocidental africana, os primeiros grupos de negros chegaram ao Brasil no final da primeira metade do século XVI, por volta de 1533 (PRIORE, 2016). Ainda na África, os negros eram capturados por seus próprios semelhantes, os pombeiros, comerciantes africanos de escravos que os trocavam por tabaco, armas e objetos de baixo valor comercial. Em seguida os cativos eram amarrados uns aos outros e levados até o tumbeiro, navio onde se amontoavam, ocupando somente o espaço correspondente a seu corpo. Comendo mal, bebendo pouca água e fazendo suas necessidades ali mesmo, os escravos atravessavam o Oceano Atlântico rumo ao destino ainda desconhecido. Obviamente, devido a essas condições, a viagem não era nada agradável e o navio virou berço para doenças que causavam a morte de diversos escravos (RIBEIRO, 1995).

Ainda de acordo com o mesmo autor, arrancados de seu território através dos métodos mais cruéis e violentos, os negros eram destituídos de sua cultura e transformados em “ninguém”, servos sem alma e sem sentimentos. No final acabavam por serem “adestrados” de acordo com os interesses de seus donos, sua cultura, seus costumes e sua religião, sob a premissa de que estavam os negros, na verdade, sendo libertados de seu atraso.

Os escravos eram divididos entre “boçais”, os recém chegados e ainda não aculturados, e “ladinos”, aqueles que já estavam habituados à língua e aos costumes europeus (DEL PRIORE, 2016). Os ladinos eram os responsáveis por transmitir os ensinamentos aos novatos e prepará-los para a labuta. Havia ainda os crioulos, nascidos no Brasil, fruto das miscigenações entre as raças. A estes eram delegados os trabalhos domésticos e de supervisão, devido a seu parentesco com os dominadores brancos. Babás, feitores e escravos de

estimação, acabavam por ganhar a confiança de seus senhores e tinham melhores condições de vida e maiores chances de alcançar a liberdade (COSTA, 2009).

O grande contingente escravo, espalhado por toda parte, executando todo tipo de serviço, não passou despercebido até mesmo para os artistas que aqui aportaram. Debret, por exemplo, registrou diversas pinturas e desenhos onde o negro aparece como protagonista, revelando aspectos mais profundos de suas etnias, costumes e também de sua relação com o homem branco.

Jean Baptiste Debret nasceu na França, em 18 de abril de 1768. Era sobrinho-neto de François Boucher, artista de grande representatividade para o Barroco-Rococó francês e primo de Jacques Louis David, reconhecido por suas contribuições durante o neoclassicismo. Como integrante da Missão Artística Francesa de 1816, Debret permaneceu no Brasil, mais precisamente, junto à Corte no Rio de Janeiro, de 1816 a 1831 e sua trajetória resultou na publicação de três volumes da obra *Voyage Pittoresque et Historique au Brésil*, onde o artista reúne um elevado número de registros visuais do Brasil, acompanhados de textos explicativos, expondo aspectos do cotidiano e da cultura material dos brasileiros integrantes não só das classes mais abastadas, como também da população humilde, dos escravos e índios (COSTA, 2009).

Vestuário Escravo e Distinção Social

Inicialmente, a preocupação com a roupa dos escravos tinha como principal motivação o pudor. Acreditava-se, naquele momento que apenas o universo europeu era evoluído e digno de ser transmitido aos demais povos ditos “primitivos”. Dessa forma, a nudez assumia caráter segregacionista, distanciando da civilização os povos da América recém descoberta e aqueles que foram trazidos como escravos. A roupa, segundo Scarano (1999, p 52) levava os escravos “a participar do universo dos conquistadores, o único que, etnocentricamente, consideravam digno e valioso.” Tal ideia se expandiu, à medida que a escravidão se alastrava, para a consciência popular dos próprios escravos, que visualizavam nas roupas dos brancos a chance de afastar-se do estigma escravo.

De acordo com Costa (1997), comumente, cada escravo recebia dois conjuntos de roupa por ano e estas eram trocadas aos domingos e lavadas uma vez por semana. A lavagem, aliada à exposição à chuva e ao sol, logo desgastavam a roupa e a transformavam em trapos, que, muitas vezes, falhavam na tentativa de cobrir o corpo de maneira decente. Ainda que fosse proibido aos senhores que deixassem seus escravos circularem pelas ruas sujos ou muito mal vestidos, resultando até em multas para as situações mais graves, muitos senhores pareciam não estar muito preocupados com a boa manutenção do vestuário desse tipo de escravo, principalmente aqueles cujas fazendas estavam mais afastadas das cidades, onde a fiscalização era mais branda.

Em contrapartida, os escravos domésticos possuíam uma vestimenta mais elaborada e de melhor qualidade estética em relação aos seus parceiros da senzala. Convivendo diretamente com os brancos, muitas vezes, possuíam roupas quase tão belas quanto a de seus donos, sendo os primeiros diferenciados apenas pela ausência de sapatos (SCHWARCZ, 1996).

Figura 1 - Escravas Negras de Diferentes Nações



Prancha 22 do segundo volume do livro *Voyage pittoresque et historique au Brésil*, de Jean Baptiste Debret, publicado em 1835.

Fonte: <http://www.brasiliana.usp.br/handle/1918/00624520#page/38/mode/1up>

Na obra *Escravas Negras de Diferentes Nações* (Figura 1), Debret reúne retratos de mulheres pertencentes a diferentes etnias e condições sociais, que são representadas através de imagens numeradas de um a dezesseis. Analisando a descrição feita pelo artista para cada uma delas, é possível perceber que sua condição estava também registrada em sua aparência. A

imagem onze representa uma escrava da etnia *Moujole*, antiga ama de leite e babá em uma família rica. Já a imagem treze representa uma negra *Mosambique*, “escrava de uma casa de fortuna mediana” (DEBRET, 1835, p.77). Nota-se que o vestuário das escravas reflete a situação financeira de suas respectivas casas. Enquanto a babá (imagem onze) usa brincos grandes, colar com pingente e uma espécie de tiara nos cabelos, a negra *Mosambique* (imagem treze), pertencente a uma família não tão abastada, traz apenas um turbante na cabeça e brincos pequenos.

Na imagem seis, Debret nos apresenta uma negra *Cabinda*, mucama de uma jovem dama rica. A cativa traz o cabelo preso e decorado com um arranjo de flores, colares com pingentes no pescoço, vestido de mangas bufantes e carrega um tecido estampado nos braços. Já a mulher *Banguelle*, da imagem quatorze, era uma vendedora ambulante de legumes. É interessante notar que esta não traz nenhum colar ou brincos, o cabelo é cortado curto e o vestido é simples, mal cobrindo o colo, preso à cintura por uma faixa. A ausência de adornos e a simplicidade de suas roupas pode indicar que se trata de uma escrava cujo dono não tem tantas riquezas, cuja arrecadação diária não ultrapassa muito o jornal para que lhe sobre algum lucro, ou ainda cujo dono não lhe permita ficar com o excedente das vendas.

Nesse momento, os habitantes da colônia ainda tinham sua noção de bem vestir atrelada à indumentária europeia. Embora o clima tropical, associado às várias camadas de tecido, não permitisse um conforto térmico muito significativo, bastava caminhar pela cidade para encontrar vestidos, casacas e coletes de seda, tafetá, linho e até veludo, armados com várias camadas de anáguas. Havia um visível antagonismo entre indumentária feminina e masculina, onde uma percorria o caminho contrário ao da outra. Era comum ver as moças circulando com chapéus gigantes, adornados com plumas, rendas e laços, e vestidos de mangas e saias muito volumosas. Ao visualizar a aparência feminina, tinha-se impressão desta ser um conjunto de triângulos empilhados.

Enquanto isso, o vestuário masculino vai sofrendo ao longo das décadas um processo constante de simplificação rumo à sobriedade. Adota-se o *riding-coat* ou *redingote*, uma espécie de casaca inspirada nos trajes de montaria ingleses, juntamente com a cartola, um “símbolo da respeitabilidade burguesa”,

e os calções são substituídos por calças. Dessa forma, a autora associa a figura masculina à forma da letra *H*, com linhas retas e pouco volume (SOUZA, 1993).

Figura 2- Empregado do governo saindo a passeio, Debret.



Prancha 5 do segundo volume do livro *Voyage pittoresque et historique au Brésil*, de Jean Baptiste Debret, publicado em 1835.

Fonte: <http://www.brasiliana.usp.br/handle/1918/00624520#page/38/mode/1up>

O cortejo do empregado do governo é seguido por um grupo de escravos de diferentes idades e, como veremos mais adiante, diferentes posições hierárquicas, que são demarcadas também por seu vestuário. A partir da análise da imagem apresentada na figura 2, é possível comprovar a diferenciação sexual discutida nos parágrafos anteriores, na medida em que o empregado do governo veste peças escuras, sem grandes quebras de cor na silhueta, cuja forma é apenas acompanhada pela roupa e não modificada ou aumentada. Logo atrás dele, como mandavam os costumes, vinha a prole, organizada em ordem crescente de idade, e em seguida a mãe (DEBRET, 1835). Percebe-se, no vestuário das três, uma quebra em relação ao pai a partir do uso de aplicações nos vestidos, véu bordado, saias volumosas e golas rendadas.

Ainda segundo o mesmo autor, logo atrás da matriarca da família, estava sua *femme de chambre* - ou mucama, que, no caso dessa família, é mulata - “infinitamente mais distinta no serviço que uma negra” (DEBRET, 1835, p. 31) - afirmação que ressalta a diferenciação hierárquica entre mulatas e negras africanas. Em seguida, posicionam-se a enfermeira e sua assistente.

O oitavo integrante da fila, portando o que parece ser um guarda-sol, chama atenção por vestir calça, camisa com babados, blazer e na cabeça uma

cartola, composição que vai além da simplicidade e que demonstra certo requinte. Comparando-se seu vestuário ao que é descrito por Souza (1993), percebe-se que não há diferenças significativas quanto às peças utilizadas, exceto pelo uso ou não de sapatos. Dessa forma, pode-se deduzir que houve certa preocupação do homem branco e sua família em “portar” escravos de boa aparência. Todos parecem fortes e bem nutridos, vestem roupas e usam acessórios que transmitem alguma sofisticação.

Nesse contexto, é importante destacar a figura da mucama mulata. Como foi visto anteriormente, ainda que partilhassem da mesma condição de escravo, havia certo antagonismo entre mulatos e negros, em que aqueles geralmente conquistavam posições de maior prestígio perante seu dono. Na obra de Debret (figura 1), nota-se que a mucama encontra-se tão bem vestida quanto sua senhora, portando uma espécie de casaco com debruns na barra e lapelas, vestido com barra texturizada, brincos, colar, cabelo preso e os pés calçados, o que indica que a escrava provavelmente tinha muito prestígio com seus donos e já estava bem adaptada aos costumes europeus.

As escravas pertencentes a famílias mais abastadas se distinguem então pela "profissão", pelas vestes e acessórios. As diferentes nações, por sua vez, implicitamente também se hierarquizam frente a esta "inserção social". Aquelas que alçam o posto de criadas de quarto são as mais "capazes" de se civilizar segundo os padrões europeus, já sendo familiares aos usos e costumes "civilizados". (FREITAS, 2007,p.5)

Dessa forma, acredita-se que, embora a função principal do escravo naquele contexto fosse servir a seus donos, havia também a preocupação em utilizá-los como um mecanismo para demonstrar poder e riqueza. O provedor da família comunicava a quem o visse que, além de manter sua esposa, filhos e fazenda em boas condições, estava em situação financeira favorável para adquirir os melhores escravos e mantê-los bem conservados. Assim, investir na aparência dos escravos resultava em reconhecimento social de prestígio (COSTA, 2009).

Conclusão

O desenvolvimento deste trabalho possibilitou, a partir do levantamento bibliográfico e da análise dos quadros do pintor colonial Jean Baptiste Debret, a

constatação de que a indumentária escrava poderia ultrapassar o caráter prático de vestimenta, tornando-se também uma ferramenta de demonstração de riqueza e distinção social, tanto em benefício dos próprios negros, quanto em favor de seus donos.

Ainda que marcado pelo sofrimento e morte de muitos negros, o período colonial diz respeito ao período onde foram feitos os primeiros contatos entre as diferentes raças, que interagiram entre si para formar nossa sociedade contemporânea. Contatos estes que foram de vital importância para a organização social, cultural e econômica vivenciada atualmente em território brasileiro.

Referências

COSTA, Emília Viotti da. Da senzala à colônia. 4. ed. São Paulo: Editora Unesp, 1997. 570 p.

COSTA, Tiago. Representações do Negro na Obra de Jean Baptiste Debret. In: II Encontro Nacional de Estudos da Imagem (Anais) 2009, Londrina-PR, pp.221-228.

DEL PRIORE, Mary. **Histórias da Gente Brasileira: Colônia**. São Paulo: Leya, 2016. 432 p. 1 v.

DARCY RIBEIRO: O POVO BRASILEIRO: A formação e o sentido do Brasil. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

SCARANO, Julita. **Roupas de Escravos e de Forros**. Resgate: Revista de Cultura. n 4, 1992

SCHWARCZ, Lilia Moritz. **Negras Imagens: ensaio sobre Cultura e Escravidão no Brasil**. São Paulo: Estação Ciência, 1996.

SOUZA, Gilda de Mello. **O espírito das roupas – A moda do século XIX**. São Paulo, Companhia das Letras, 1987

DEBRET, Jean-baptiste. **Voyage pittoresque et historique au Brésil**. Paris: Firmin Didot Frères, 1835. (Tomo 2). Disponível em: <<http://www.brasiliana.usp.br/handle/1918/00624520#page/1/mode/1up>>. Acesso em: 24 de junho de 2017